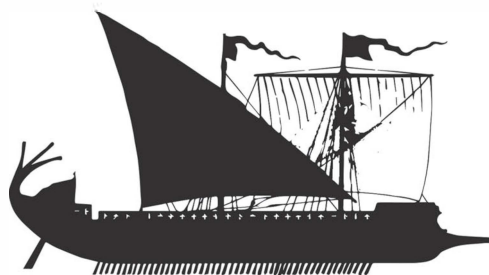


SIMON SCARROW
E T. J. ANDREWS



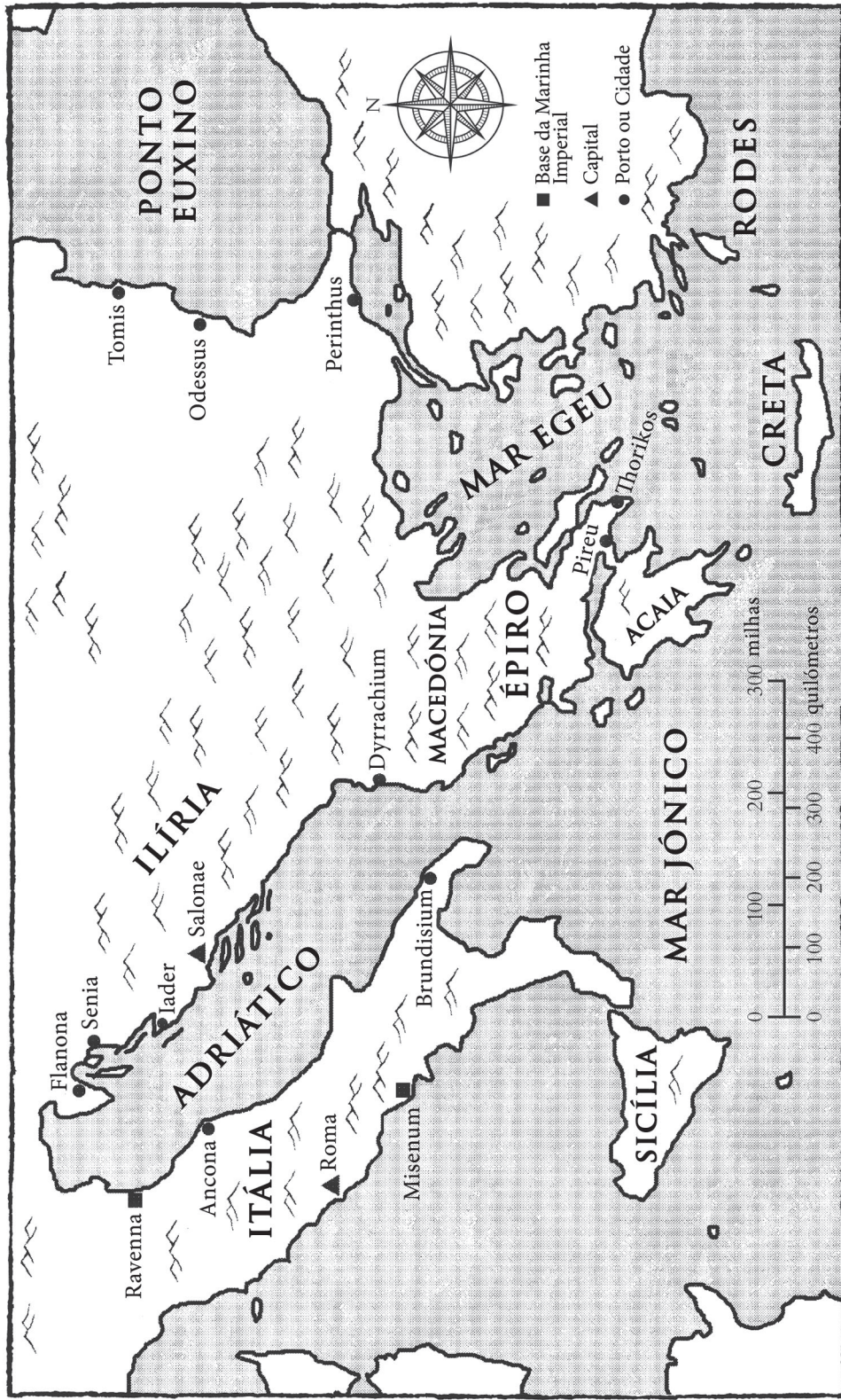
PIRATA

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

MEDITERRÂNEO ORIENTAL E PONTO EUXINO, 25 d.C.



LISTA DE PERSONAGENS

Telémaco: Um jovem órfão grego

Nereu: Um escravo, irmão mais velho de Telémaco

Nestor: O temido chefe de um bando de piratas

Agrio: Capitão do *Pégaso*, um navio pirata

Caio Múnio Canis: Prefeito da frota romana baseada em Ravenna

Selene

Clemestes: Proprietário e capitão do navio

Leito: Primeiro imediato

Geras: Um marinheiro

Sileu: Um marinheiro

Dimeto: Timoneiro do navio

Tridente de Poseidon

Bulla: Chefe do bando de piratas e capitão do navio

Heitor: Primeiro imediato

Castor: Contramestre

Sciron: Especialista em tortura

Longaro: Vigia e um dos mais jovens tripulantes do navio

Virbio: Um dos imediatos mais antigos

Basso: Tripulante e combatente trácio

Próculo: Carpinteiro de bordo

Lasthenes: Pirata sírio

Calkas: Timoneiro do navio

1

Pireu, no começo de 25 d.C.

Um ríspido golpe de vento e chuva atingiu o capitão grego enquanto ele avançava aos tropeços pela rua pobremente iluminada. Era uma noite de mau tempo do início da primavera, e as ruas do porto estavam desertas. Clemestes apressou-se, lançando de vez em quando olhares sobre o ombro para confirmar que os três vultos entroncados o seguiam de perto. O veterano capitão do *Selene*, um navio mercante, tinha regressado há pouco de uma viagem bem-sucedida a Salamis com uma carga de garo e peixe salgado. Embora o negócio lhe tivesse rendido apenas um pequeno lucro, que mal dera para cobrir as despesas com o navio e a tripulação, Clemestes tinha-se ainda assim saído melhor do que a maior parte dos seus colegas de profissão. Os tempos andavam difíceis para os capitães mercantes do Pireu, depois de dois anos de más colheitas e ataques de piratas que tinham provocado uma diminuição do comércio que passava pelo porto. Vários deles haviam sido forçados a abandonar a carreira, e muitos dos que tinham aguentado viram-se forçados a pedir largas somas emprestadas a mercadores para cobrir as perdas. Clemestes tinha decidido celebrar uma rara viagem de sucesso com um odre de mulso numa das tabernas locais, e depois de a noite ter caído sobre o porto e a luz ter desaparecido, deixara o Alegre Mareante para voltar para o calor da sua pequena cabina a bordo do seu navio. Pouco depois, tinha-se apercebido de que aqueles homens o seguiam.

A chuva continuava a cair sem parar e a embater ritmicamente nas telhas dos edifícios em redor enquanto Clemestes atravessava as ruelas escurecidas e desertas do bairro dos armazéns. Mesmo àquela hora tardia, os armazéns estavam normalmente em plena balbúrdia, com equipas de estivadores a retirar as cargas dos navios recém-chegados, muitas das quais destinadas a Atenas, mas a verdade é que naquela altura tudo estava, naquela parte da cidade, estranhamente silencioso. A ameaça de um ataque dos bandos de piratas que se sabia assaltarem as principais rotas de comércio tinha deixado os mercadores e armadores locais nervosos, e muitos deles mostravam-se relutantes em arriscar

movimentar os seus bens pelo Império, o que tinha afetado seriamente o Pireu, mergulhando-o num período economicamente difícil do qual não dava sinais de sair.

Clemestes voltou a olhar sobre o ombro enquanto seguia pela rua. Os três homens caminhavam ao mesmo passo que ele, as suas túnicas castanhas a cobrirem os físicos poderosos. Tinham-se sempre mantido à mesma distância, seguindo-lhe todos os movimentos e nunca desaparecendo da sua vista. A princípio ignorara a ideia de que o estavam a seguir. Mas depois tivera um vislumbre dos rostos à luz de uma porta aberta, e reconhecera-os da turba que estivera na taberna. Tinham estado sentados a uma mesa escondida num canto escuro, a beber e observar os outros clientes com interesse. Um interesse claramente predatório, refletiu Clemestes com ansiedade. Já não havia qualquer dúvida na sua mente. Eram assaltantes. Tinham-no visto a deixar a taberna e tencionavam roubá-lo.

Engoliu em seco, olhou em frente e aconchegou a capa sobre o corpo, enquanto acelerava o passo, amaldiçoando-se por não os ter detetado mais cedo. Se tivesse dado por eles assim que saíra da taberna, facilmente se podia ter abrigado na segurança de outro dos muitos estabelecimentos do género que vendiam vinho e outras bebidas por toda a ágora. Em vez disso, tinha-se ocupado a congratular-se com o sucesso da viagem, e só notara a presença dos seguidores quando deixara a rua principal, para se orientar por entre os becos escuros e sinuosos do bairro dos armazéns. E agora não havia sítio onde se pudesse esconder, lugar onde se pudesse abrigar e esperar que os outros abandonassem a perseguição. E ninguém para o ajudar quando eles resolvessem atacá-lo.

Estremeceu por baixo da capa e olhou mais uma vez para trás. Os bandidos estavam agora a uns vinte passos, e moviam-se com agilidade, apesar dos corpos atarracados. Clemestes, pelo seu lado, caminhava com um arrastar pronunciado de uma perna, o que o atrasava e era resultado de uma velha ferida que tinha recebido nos seus anos de imediato; com um crescente receio, percebeu que os perseguidores depressa o alcançariam.

Sacudiu a névoa alcoólica que lhe toldava a visão, e resolveu que a sua melhor esperança era cortar pelo meio do labirinto de armazéns e tentar despistar os perseguidores antes de chegar ao *Selene*. Tinha crescido no Pireu, a fazer recados para os gerentes dos armazéns quando era um miúdo, antes de se juntar à tripulação de um pequeno barco de pesca, e conhecia as ruas daquela zona do porto melhor do que muita gente. Melhor do que os homens que o seguiam, esperava. Com alguma sorte, talvez conseguisse despistá-los, e então poderia dirigir-se sem problemas para a segurança do seu navio e respetiva tripulação.

Acelerou por uma rua lateral e fez uma rápida série de desvios, enquanto seguia na direção geral do grande complexo comercial que ficava mesmo ao lado do cais. Um cheiro fétido a fezes humanas encheu-lhe as narinas enquanto ele se apressava. O coração batia-lhe com força, e ele lançou uma prece aos deuses para que o protegessem dos perseguidores. Passou por um pequeno armazém abandonado, outra dolorosa evidência dos tempos duros em que o Pireu tinha caído devido às depredações dos piratas. Embora sempre tivesse havido alguns bandos a aterrorizar as rotas marítimas, atacando de tempos a tempos os navios desprevenidos, a situação tinha piorado nos últimos anos, já que os piratas, animados pelos seus sucessos iniciais, haviam desencadeado ataques frequentes e ousados por todo o Mediterrâneo Oriental e até noutras áreas. A situação estava tão má que Clemestes já tinha decidido reformar-se do negócio assim que pagasse as dívidas que contraíra. Daí a um ou dois anos, planeava vender o *Selene* e instalar-se numa das ilhas do Egeu. Casaria com uma rapariga local, compraria um terreno, trataria das colheitas, e passaria as noites a bebericar numa das estalagens locais, a trocar velhas histórias de viagens com os outros antigos lobos do mar. Se conseguisse viver até lá.

O seu desânimo aumentou quando viu que dois dos perseguidores ainda o seguiam e continuavam a aproximar-se. Virou-se e seguiu a coxear. À distância ouviu sons de risos, e percebeu que já estava perto do cais. Assim que alcançasse essa área, cheia de gente, os homens que o seguiam ver-se-iam obrigados a desistir de o perseguir. Apesar dos maus tempos que afetavam o comércio no Pireu, o porto ainda estava cheio de mercadores e marinheiros e de negócios nas tabernas, mesmo àquela hora tardia. Com toda a certeza, os ladrões não se atreveriam a atacá-lo numa parte tão animada da cidade.

Meteu por uma viela à direita, um espaço apertado entre dois edifícios deplapidados, e quase escorregou duas vezes enquanto tentava evitar o fio de urina e fezes que corria pelas ruas naquela área da cidade. No escuro só conseguia ver uns passos à sua frente, e tinha de ter cuidado com o sítio onde punha os pés enquanto abria caminho por entre os montes de porcaria malcheirosa que tinha sido empilhada nas bordas do beco. Um pouco adiante havia uma lamparina dependurada de um suporte de ferro, a iluminar a entrada para um dos armazéns adjacentes ao complexo, e voltou a animar-se quando percebeu que estava quase a chegar ao cais. Ao dar mais um passo, sentiu o pé roçar contra alguma coisa rija e ossuda. Tropeçou, e só recuperou o equilíbrio no último momento.

— Ei! Cuidado! — avisou uma voz pouco amistosa.

Clemestes deteve-se e olhou para trás. No meio das sombras mal distinguia

um jovem magricela, com uma manta puída a rodear-lhe a figura encolhida. No escuro do beco não tinha reparado no vagabundo, e tropeçara nas suas pernas estendidas. O jovem olhou para cima, para ele, e soltou um grunhido exasperado.

O som de passos apressados a aproximarem-se fê-lo desviar a atenção do desafortunado rapaz, e ele prosseguiu no seu caminho. Estava a menos de dez passos da esquina, e por breves momentos pensou que ia mesmo conseguir escapar aos perseguidores. Mas então avistou um vulto volumoso a surgir ao fundo da viela. O vulto adiantou-se, saindo das sombras, e Clemestes deteve-se ao reconhecer a cabeça rapada do homem, bem como a face cheia de cicatrizes. O terceiro ladrão, percebeu, com um nó frio de medo a tolher-lhe as entranhas. O bandido devia ter corrido ao longo de uma rua paralela, adiantando-se aos seus camaradas, e ter-lhe cortado a única via de fuga para o cais enquanto os seus dois companheiros mantinham uma distância constante atrás do seu alvo. Clemestes sentiu o coração afundar-se. O plano dos assaltantes tinha resultado perfeitamente. Estava encurralado.

Virou-se e viu os outros dois assaltantes a surgir à entrada do beco e a dirigirem-se rapidamente para ele. Olhou em volta desesperado, à procura de outro caminho de fuga. Mas não havia nenhum. Um arrepio frio de terror correu-lhe pela espinha abaixo, enquanto via os três bandidos a aproximarem-se de si. Abriu a boca para pedir ajuda, mas um dos ladrões correu num instante e aplicou-lhe um murro no estômago. O capitão exalou com força quando o ar lhe saiu dos pulmões, e dobrou-se, agarrado à cintura. O mesmo assaltante aplicou-lhe um pontapé e fê-lo tombar no solo. Uma dor súbita nasceu-lhe no interior do crânio quando os dois outros homens se lançaram sobre ele, desferindo-lhe uma tempestade de pancadas e pontapés no corpo. Clemestes ergueu as mãos numa fútil tentativa de proteger a cabeça, mas os golpes continuaram a chover-lhe em cima. Uma bota acertou-lhe no flanco exposto. Qualquer coisa estalou, e sentiu uma dor nova e profunda a explodir-lhe no peito.

— Apanhem-lhe a bolsa!

Os golpes interromperam-se quando dois dos atacantes recuaram. Clemestes levou uma mão ao peito magoado, e soltou um gemido. A boca sabia-lhe a sangue; um dos homens, com o nariz partido e vários buracos entre os dentes, apoiou um joelho no solo e debruçou-se sobre ele. Meteu a mão por baixo da capa e agarrou na bolsa do dinheiro, amarrada ao cinto, soltou-a e atirou-a a um dos seus companheiros, um indivíduo baixo, de barba e pequenos olhos escuros. Este espreitou para o interior e franziu o sobrolho. Depois olhou para Clemestes, enquanto semicerrava os olhos.

— Onde é que está o resto? — inquiriu.

Clemestes estremeceu.

— Não sei do que estás a falar.

— O caralho! Olha lá, velho, não nasci ontem. Ouvimos-te a falar da carga que trouxeste. Um amigo nosso topa tudo o que chega aos armazéns. Disse que deves ter conseguido um preço decente. Mais do que estas míseras moedas que aqui tens. — O ladrão de barba batucou na bolsa meio vazia, e fez um gesto ao seu camarada com dentes em falta. — Agora diz-nos onde tens o resto da massa, ou aqui o Cadmo corta-te os tomates, foda-se.

Um sorriso malévolo surgiu nos lábios cortados de Cadmo enquanto pegava na adaga. Clemestes olhou outra vez para o ladrão de barba e abanou a cabeça rapidamente.

— Por favor! Isso é tudo o que tenho!

— O sacana está a mentir — rosnou Cadmo. — Salta à vista.

— Juro que é a verdade — insistiu Clemestes.

O assaltante fitou-o por momentos, e depois virou-se para o homem com a lâmina.

— Cadmo, vaza-lhe um olho. Isso vai soltar-lhe a língua.

Cadmo aproximou-se do capitão, a ponta da adaga a brilhar na escassa luz da viela. Clemestes jazia impotente nas lajes molhadas pela chuva, e nas garras da ideia de que ia morrer naquele beco esquálido, e não às mãos de um qualquer terrível monstro marinho ou numa violenta tempestade, como tanto temera. Os músculos ficaram tensos de medo ao ver a lâmina aproximar-se do seu rosto, e ele ofereceu uma silenciosa prece aos deuses.

Enquanto o fazia, apercebeu-se de um movimento furtivo nas costas do assaltante. Uma sombra escura e esguia surgiu de uma das portadas que ladeavam o beco e lançou-se sobre o homem da barba, embatendo com o ombro nas costas do ladrão. Este soltou um grunhido repentino e caiu para a frente, mesmo em cima de uma pilha de entulho e madeira apodrecida, na parte lateral da ruela.

Ao ouvir o grito de dor do seu camarada, Cadmo virou-se para o vulto que corria sobre eles. Clemestes apanhou um vislumbre do rosto do atacante e reconheceu nele o jovem vagabundo em que tinha tropeçado. Observou, atónito, aquela figura escanzelada a saltar sobre o ladrão caído e a avançar sobre Cadmo.

— Sacana! — soltou este.

Usou a adaga contra o jovem, apontando-lha ao pescoço. Mas o outro foi mais rápido do que o corpulento ladrão e evitou o golpe com agilidade. Cadmo

grunhiu de frustração enquanto esfaqueava o ar. Rugiu e voltou a avançar, desferindo golpes ferozes e obrigando o jovem a recuar para fora do seu alcance; depois saltou sobre ele, tentando atingir-lhe o estômago. Num movimento rápido, o jovem aparou a estocada com um varrimento veloz do antebraço, antes de avançar contra o adversário, aplicando-lhe um murro na cabeça. Escutou-se um som surdo de choque de ossos, e a cabeça de Cadmo saltou para trás enquanto a adaga lhe escapava dos dedos e tilintava no chão.

— Cuidado! — avisou Clemestes.

O vagabundo rodopiou enquanto o ladrão sacudia a cabeça para a clarear e se punha de pé, antes de se lançar sobre ele. O jovem mergulhou para a frente e pegou na adaga caída, antes de voltar a rodar para enfrentar o bandido. Colocou-se em posição agachada, enquanto o outro tentava um murro pouco convicto, que ele evitou com facilidade. Depois apoiou-se nas pontas dos pés e golpeou com a adaga, espetando a ponta acerada na barriga do outro. O ladrão grunhiu enquanto a lâmina se enterrava no seu corpo. A boca ficou flácida e ele cambaleou enquanto o olhar se focava no punho da adaga espetada nas suas entranhas. Uma mancha reluzente espalhava-se em volta da ferida e ensopava-lhe a túnica.

O jovem soltou a adaga enquanto o homem caía num monte que ainda se agitava, e virou-se para olhar para Cadmo, que se tinha levantado também. O terceiro homem também se aproximara e colocara-se ao lado do seu camarada, e o par olhava para o seu jovem opositor com desconfiança.

— Venham lá, vá! — gritou o jovem. — Qual de vocês é que quer ir a seguir, seus cabrões?

Os dois assaltantes hesitaram. Os olhos iam do companheiro agonizante para o jovem assassino, de pé sobre ele, com a adaga na mão ensanguentada. Nos olhos tinha um ar tresloucado, e os músculos bem delineados estavam retesados, como se ele fosse um animal feroz pronto a saltar sobre as vítimas. Por momentos, ninguém ousou mover-se. Então ouviram-se vozes a quebrar o silêncio, vindas da direção do cais principal. Cadmo olhou com raiva para o jovem antes de acenar ao companheiro, e os dois viraram-se e correram pelo beco, metendo pelo meio do bairro dos armazéns, afastando-se do som. O alívio percorreu o corpo de Clemestes enquanto os via a desaparecer de vista.

O jovem prendeu a adaga no cinto e dirigiu-se a ele.

— Está bem? — perguntou.

Clemestes obrigou-se a sorrir.

— Vou ficar fino. Só estou um bocado abalado. Pensei que aqueles cabrões iam acabar comigo.

— Aqueles tipos eram realmente gente perigosa. Mas não lhe vão dar mais problemas. — O jovem acenou na direção do ladrão moribundo. — Pelo menos um deles.

— Pois não. — Clemestes fez uma careta. — Calculo que não.

Tentou levantar-se, mas o esforço foi demasiado, e ele caiu outra vez, a tremer de dor e choque.

— Deixe-me ajudá-lo. — O jovem ofereceu-lhe a mão. Clemestes agarrou-a e pôs-se de pé, vacilante e com um esgar de dor. Doía-lhe cada fibra do corpo, e ele tentava ainda recuperar um ritmo regular de respiração.

— Obrigado. — Olhou com mais atenção para a figura de ar faminto à sua frente. — Como é que te chamas?

— Telémaco. E o seu nome?

— Clemestes, capitão do *Selene*. — Dobrou o pescoço. — Jovem Telémaco, estou em dívida para contigo. Salvaste-me a vida.

Telémaco encolheu os ombros.

— Estava perto, foi só isso. Qualquer um teria feito o mesmo.

— Sinceramente, duvido muito disso.

O capitão calou-se por momentos, enquanto avaliava o seu jovem salvador. Envergava uns trapos rotos e não parecia ter um dia a mais do que uns quinze ou dezasseis anos. As bochechas e o queixo estavam cobertos de tecido esbranquiçado, endurecido, de cicatrizes. Mais uma das desesperadas crianças abandonadas do Pireu, pensou Clemestes. A descendência de algum marinheiro de visita que tinha tido um namoro breve com uma das mulheres locais, e que fora lançado para a rua à nascença, e deixado a cuidar de si mesmo. O porto estava repleto deles. Mas, ainda assim, havia algo em Telémaco que o intrigava. Aquela pobre, miserável criatura tinha derrotado três calejados criminosos, e Clemestes sentiu que havia nele uma fogosa resiliência.

— Para onde vai? — indagou Telémaco. — Dou-lhe uma ajuda.

— Para o meu navio — adiantou o capitão. Agitou a mão na direção do porto e estremeceu. — Merda... deram-me uma boa tarefa.

Telémaco anuiu.

— Será melhor irmo-nos, para o caso de eles voltarem.

Passou um braço em torno das costas de Clemestes, e os dois seguiram pelo beco, a caminho do porto, enquanto nas suas costas o moribundo soltava um profundo gemido.

2

A chuva diminuiu de intensidade e acabou por parar, e um luar anémico irrompeu por entre as escuras nuvens enquanto Telémaco ajudava o capitão a seguir para o porto. O jovem grego divisava os mastros e o cordame das dúzias de navios atracados ao longo do cais. Tal visão era-lhe instantaneamente familiar, e era tão típica da vida do porto como os sons dos marinheiros ébrios a cantar e trocar piadas porcas quando regressavam aos navios para passarem a noite. Só uns poucos homens enfrentavam as ruas geladas e varridas pelo vento que partiam do cais, envolvidos em rixas ou a jogar dados. Num dos lados do cais, guardas aos pares patrulhavam o maior dos grandes armazéns de madeira. O porto abria-se entre dois molhes de pedra. Mais longe, ondas escuras desfaziam-se contra o quebra-mar, lançando pelo ar espuma branca que brilhava sob a luz pálida.

Clemestes deteve-se à frente de um grande cargueiro acostado na ponta do cais.

— Cá está ele — anunciou com pompa. — O *Selene*. Não é de forma alguma o navio mais rápido do oceano. Mas é tão robusto como os melhores.

Telémaco olhou para o navio. À tímida luz da Lua, conseguia ver que era largo e que a proa era romba, com um gurutés alto e curvo por baixo do qual se via esculpida a imagem da deusa grega Selene, a conduzir a sua carroça. Da popa descia para a água um grande leme de esparrela, e uma estreita prancha descia do castelo da proa para o cais. Sem carga, o navio flutuava bem acima da água. Era maior do que muitos dos outros navios dispostos no porto, e tinha um aspeto impressionante, considerou.

Clemestes acenou ao seu salvador, e lançou um sorriso apologético.

— Lamento não poder oferecer-te grande coisa à laia de recompensa; mas talvez gostasses de subir a bordo e comer e beber qualquer coisa? É o mínimo que posso fazer.

Telémaco cerrou os lábios enquanto pesava a oferta do capitão. Vivia nas ruas há tempo suficiente para tratar ofertas de estranhos com o maior dos

cuidados. Mas já havia dois dias que não comia nada, e sentiu o estômago a roncar dolorosamente com fome. Além disso, concedeu, o capitão parecia amigável. Anuiu.

— Obrigado.

— Ótimo. — Clemestes conseguiu soltar um sorriso dorido. — Por aqui.

Telémaco ajudou o capitão a percorrer a prancha que levava ao convés. À proa, havia um punhado de homens a dormir, embrulhados em sacas sobre as tábuas ou por baixo de tendas improvisadas, para se protegerem do mau tempo. Clemestes parou ao pé do mais próximo dos homens e sacudiu-o. O homem respondeu com um pesado ronco e rebolou para o outro lado. O capitão sacudiu-o com mais força, e desta vez o homem agitou-se, resmungou em voz baixa, e pôs-se rapidamente de pé, adotando um ar preocupado no olhar ainda estremunhado ao reparar nas lesões no rosto de Clemestes.

— Doce Zeus! — exclamou. Telémaco notou o cheiro a vinho barato no hálito dele. — Por Hades, o que é que lhe aconteceu?

— Estou bem, Sileu — respondeu Clemestes. — A sério. Meti-me numa barafunda, nada de mais. Teria sido bem pior se não fosse aqui este amigo — acrescentou, enquanto indicava Telémaco com a cabeça inclinada.

Sileu arqueou uma sobrancelha, enquanto olhava para o jovem.

— Ah, sim?

— Acorda o meu moço de cabina, sim? — pediu o capitão. — Vou para os meus aposentos.

— Sim, capitão.

Telémaco observou enquanto Sileu se virava e atravessava o convés até chegar ao pé de um monte de corpos encolhidos debaixo de uma tenda colocada à proa do navio. Chamou uma das formas no chão, e aplicou-lhe um pontapé para o despertar. Um miúdo, uns anos mais novo do que Telémaco, apressou-se a levantar-se, correu para a escotilha da ré, junto do mastro, e desceu as escadas que levavam às acomodações do capitão. Telémaco e Clemestes seguiram-no a curta distância e lentamente, seguindo pelo piso descorado pelo sol. Quando chegaram à escotilha, Clemestes desceu primeiro e o jovem seguiu-o pelas escadas até à cabina que ocupava um espaço diminuto junto à popa do navio. O espaço era acanhado e Telémaco teve de se dobrar para passar pela porta que dava passagem para os aposentos do capitão. O moço de cabina tinha acabado de acender uma lamparina a azeite na pequena mesa que rodeava o mastro, dando uma diminuta iluminação ao interior.

— Traz-nos alguma comida e bebida da despensa, Nesso — ordenou Clemestes.

— Sim, senhor.

O miúdo virou-se e saiu. Telémaco piscou os olhos na penumbra e olhou em volta do compartimento. A um dos lados via-se um estreito catre, e no chão junto a ele uma arca de aspeto sólido. No ar havia um cheiro evidente a cabos velhos e piche. Clemestes sentou-se no leito, e assinalou o banco à frente da mesa.

— Senta-te, por favor.

Telémaco sentou-se no lugar indicado e tentou esconder o desconforto devido ao lento oscilar do navio atracado.

— É a primeira vez que entras num navio? — indagou Clemestes.

Telémaco assentiu, pouco à vontade.

— Já vi muitos. Vivi pelo porto toda a vida, mais ou menos. Mas nunca tinha entrado num.

— Vives nas ruas, presumo?

— Sim. — Telémaco baixou a cabeça, envergonhado. — A maior parte da minha vida.

— E a tua família?

— Os meus pais morreram — respondeu o jovem, sem emoção.

— Mas deves com toda a certeza ter alguma família que te pudesse acolher? Um tio ou tia, talvez? Ou um irmão? Deve haver alguém.

Telémaco encolheu os ombros à laia de resposta, e virou o olhar. Pouco depois, o moço de cabina regressou com uma travessa com queijo, umas ras-pas de carne seca e pão. Pousou-a na mesa e voltou a subir as escadas para ir buscar um par de canecas de barro samiano e um jarro com um vinho de cheiro penetrante. Telémaco lambeu os lábios enquanto contemplava gulosa-mente a comida posta à sua frente. Assim que Nesso saiu, Clemestes despe-jou algum vinho diluído nas canecas e passou uma ao seu jovem convidado. Telémaco não perdeu tempo a encher a boca de comida, fazendo pequenas pausas para beber à pressa da caneca. O vinho escorria-lhe pelo queixo quan-do pousou a caneca e se lançou a uma tira de carne seca. Clemestes sorriu tristemente.

— Deve ser duro — comentou. — Viver nas ruas, quero eu dizer.

— É uma questão de hábito — replicou Telémaco, por entre os momen-tos em que engolia comida. — A maior parte do tempo, passo-o a vasculhar à volta dos armazéns. Os mercadores estão constantemente a deitar coisas fora. A maior parte é comida podre, mas acabamos por nos habituar ao gosto. — Meteu um naco de queijo na boca e arrotou. — O inverno é o pior. Fica tudo frio e molhado.

— Então e os teus pais? O que é que lhes aconteceu?

— Isso é comigo — ripostou Telémaco, com uma ponta de irritação. Pousou o bocado de carne em que estava a segurar e olhou para o capitão. — Seja como for, o que é que isso lhe interessa? Não é nada consigo.

— Não. Não é, de facto. Mas tu salvaste-me daqueles bandidos. E para isso foi preciso coragem, o que é uma coisa difícil de encontrar nos tempos que correm. Gostava de saber mais sobre o valente jovem que me salvou.

Telémaco abanou a cabeça.

— Não sou nenhum herói.

— Ainda assim, a maior parte das pessoas não teria levantado um dedo para ajudar alguém em perigo. Aliás, consigo imaginar facilmente um bom número delas que teriam imediatamente mudado de direção e se teriam afastado a toda a velocidade. Estou curioso, queria saber como é que um tipo como tu acabou a viver nas ruas.

Telémaco manteve-se em silêncio por momentos enquanto contemplava a sua refeição inacabada.

— Nunca conheci a minha mãe — começou, em voz baixa. — Morreu a dar-me à luz.

— Lamento.

— Porquê? A culpa não é sua. Não a matou.

— Não. Mas mesmo assim. É difícil, crescer sem uma mãe.

Telémaco limitou-se a encolher os ombros.

— Depois de ela morrer, o nosso pai ficou com os dois para criar sozinho. A mim e ao meu irmão mais velho, o Nereu. Vivíamos numa casa pequena junto às docas em Munichia. Não era grande coisa, mas lá nos safávamos. O nosso pai trabalhava nos navios. Era um capitão, como o senhor.

— Aqui? No Pireu?

O jovem anuiu.

— Era dono de um navio mercante. Pequeno. Nada a ver com este, quanto ao tamanho. Ele esforçava-se, mas em casa era sempre complicado. Ele nunca teve jeito com o dinheiro e assim que o ganhava, gastava-o. A maior parte em bebida e no jogo. Chegava a casa vindo do mar, olhava para nós e saía logo para se ir embriagar numa taberna qualquer. Às vezes desaparecia semanas a fio. Quase nunca o via. O Nereu é que tomava conta de mim. Tirava umas moedas da bolsa do pai quando ele estava inconsciente, para garantir que tínhamos dinheiro para comer e nos vestirmos enquanto ele andava por fora. O meu irmão mais velho é que me ajudou a crescer, muito mais do que o meu pai.

Calou-se por momentos e debicou mais uns pedaços de comida. Clemestes

observou-o em silêncio. Ao fim de alguns momentos, Telémaco pousou um naco de pão, olhou para o capitão e prosseguiu.

— Um dia, fomos até ao cais para ver o navio do pai a chegar, como fazíamos normalmente quando ele voltava. Esperámos e esperámos, mas não havia sinal dele. Por fim, escureceu, e começámos a ficar preocupados. Depois, chegou outro navio, e um dos amigos do pai viu-nos ali à espera no cais e veio ter connosco. Assim que vi o ar dele, percebi que tinha acontecido alguma coisa. Contou-nos que o navio do pai tinha sido apanhado por uma tempestade ao largo de Delos. Os ventos tinham-no atirado contra as rochas junto ao cabo, e ele desfizera-se. Quando outro navio foi tentar ajudar, só encontrou uns poucos sobreviventes, agarrados a bocados de madeira e outros detritos. — Telémaco hesitou. — O pai não estava entre eles. Perdeu-se no oceano.

— Que idade tinhas?

— Seis. — Telémaco contou de cabeça. — Isso foi há dez anos. — Sorriu tristemente ao capitão. — Mal me consigo lembrar da cara do meu pai, agora.

— E o que aconteceu depois contigo e com o teu irmão?

— O pai deixou-nos uma data de dívidas. Depois de morrer, descobrimos que ele tinha andado a pedir dinheiro emprestado para pagar o vício do jogo. Devia uma larga soma a um dos usurários do porto. O homem queria o dinheiro de volta, mas não havia forma de lhe pagarmos. Então um dia apareceu com um par de guardas para confiscar tudo o que nós tivéssemos e para nos vender, a mim e ao Nereu, como escravos. Agarraram o meu irmão, e também me teriam levado, mas o Nereu lutou com eles o tempo suficiente para me permitir fugir para a rua. Consegui despistá-los, mas não tinha para onde ir. Desde essa altura que vivo onde posso.

— Isso deve ter sido complicado. Teres de deixar o teu irmão dessa maneira.

— Não tive escolha. Se não fosse o raciocínio rápido do Nereu, tínhamos acabado os dois acorrentados.

— Onde está ele agora? — indagou Clemestes.

— Numa forja em Thorikos — respondeu Telémaco, com raiva na voz. — Soube dele por um amigo meu que trabalha numa das oficinas. Compram todas as ferramentas a um ferreiro romano que tem um estabelecimento por lá, um tal Décimo Rufio Burro. Seja como for, este meu amigo fez uma visita à forja e viu lá o Nereu. O Burro obriga-o a fazer todos os trabalhos mais perigosos: manejar os foles e limpar a fornalha. O sacana do romano trata os escravos como merda e fá-los trabalhar até ficarem uns esqueletos. Um dos outros escravos morreu num acidente no mês passado. Se o meu irmão for obrigado a trabalhar lá muito mais tempo, temo bem que o mesmo lhe suceda.

Por momentos, Telémaco fechou os olhos com força, debatendo-se para controlar a raiva. Quando voltou a abri-los, reparou que o capitão o contemplava com ar pensativo. Por fim Clemestes limpou a garganta e inclinou-se para a frente.

— E se houvesse uma forma de comprar a liberdade do teu irmão?

Telémaco desdenhou da ideia e abanou a cabeça.

— Nunca conseguirei juntar tanto dinheiro. O mais que consigo são umas moedas aqui e ali, a ajudar passageiros a transportar a bagagem depois de deixarem os navios. Mas isso mal dá para viver. Precisaria de dez vidas para juntar o dinheiro suficiente para o libertar.

— Talvez — ponderou Clemestes, enquanto cofiava o queixo. — Por outro lado, talvez não.

A testa de Telémaco enrugou-se.

— O que quer dizer?

— Dava-me jeito um tipo como tu na minha tripulação. Alguém com miolos e que não tem medo de trabalho honesto.

Telémaco olhou para o capitão num silêncio assombrado.

— Está a oferecer-me trabalho?

Clemestes encolheu os ombros.

— Tu precisas de dinheiro, e eu preciso de alguém para ajudar aqui no navio.

Um olhar de dúvida surgiu no rosto de Telémaco.

— Mas eu não percebo nada do trabalho de marinheiro.

O capitão agitou a mão para afastar as preocupações do jovem.

— És novo. Aprendes depressa. Vou mandar um dos imediatos ensinar-te o básico. Além disso, dificilmente farás pior do que alguns dos meus tripulantes atuais.

— Que tipo de trabalho é que vou fazer?

— Serás um grumete. Para começar, a meio salário, até que demonstres o teu valor. Os teus deveres serão aprender sobre as velas e os cabos, fazer quartos, e todas as outras tarefas a bordo. — O capitão debruçou-se para a frente e olhou para ele com ar franco. — Não te vou mentir. Trabalhar num navio não é fácil. Pode mesmo ser desagradável e perigoso. Mas acredita no que te digo, não há nada que se compare a uma vida no alto-mar. Terás oportunidade de ver outros lugares e fazer alguma coisa com a tua vida. — Voltou a recostar-se e encolheu os ombros. — Será melhor do que viver nas ruas, com toda a certeza.

Telémaco semicerrou os olhos.

— Não percebo. Por que é que me quer ajudar assim?

— Salvaste-me a vida. Estou em dívida para contigo. E pelo que ouvi, não tens tido uma vida fácil. Gostava de te ajudar.

— Não preciso da sua caridade. Nem da sua piedade.

— Não é nenhuma delas que te estou a oferecer. Muito longe disso. Acontece que acho que tens as qualidades necessárias para te tornares um excelente mareante. És duro, e destemido. Talvez um tanto fioso, mas isso seria de esperar, dado o que acabas de me contar. E quem sabe? Se poupare os teus ganhos, acabarás por ter dinheiro suficiente para libertar o teu irmão dessa tal forja dos infernos.

Telémaco olhou para a comida, perdido em pensamentos.

— Quando é que teria de começar?

— Imediatamente. Amanhã de manhã apresentas-te ao imediato. Vamos zarpar assim que tivermos posto a carga a bordo, e que o tempo melhore um bocado. — O capitão fez uma pausa enquanto considerava as roupas miseráveis de Telémaco. — Vais precisar de umas roupas decentes tiradas dos baús, parece-me. Pagá-las-ás com o que receberes na primeira viagem. Não posso ter-te a trabalhar a bordo com esses trapos, não é? — Bateu as palmas, repentinamente. — Bem? O que me dizes?

Telémaco ponderava. Uma hora atrás, tremia ao frio e à chuva, a sonhar com o dia em que poderia escapar às suas lamentáveis condições. E agora ali estava, sentado na acolhedora cabina do capitão, com a barriga cheia e uma oferta de trabalho com um salário decente. Mal conseguia acreditar na súbita mudança da sua sorte. Contudo, hesitava em aceitar aquela generosa oferta. A vida nas ruas do Pireu era miserável, mas pelas histórias que tinha ouvido pelo porto, trabalhar num navio era realmente perigoso. Muitos navios se perdiam no oceano, sobretudo em tempo de inverno. Estava realmente preparado para se juntar à tripulação e arriscar ter o mesmo destino do seu pai? Mas depois lembrou-se de Nereu, forçado a trabalhar até à morte na forja, e tomou a decisão. Olhou para o capitão.

— Muito bem. Aceito.

— Ótimo. — Clemestes levantou-se e lançou-lhe um sorriso caloroso. Pegou na mão do mais novo membro da sua tripulação e sacudiu-a com firmeza.

— Bem-vindo à tua nova vida no *Selene*, Telémaco — disse, com um brilho no olhar. — Não o lamentarás.

O céu manteve-se carregado, e na manhã seguinte um chuvisco gelado derramava-se sobre o porto, enquanto a tripulação do *Selene* realizava os últimos preparativos para a viagem. A atividade era intensa enquanto os marinheiros desimpediam o convés e abriam a escotilha que dava acesso ao porão; Clemestes tinha mandado o moço de cabina ao mercado local, para comprar abastecimentos na forma de biscoitos secos, água e pão para a viagem. O Sol surgiu timidamente por trás das nuvens que formavam uma enorme abóbada escura, ao mesmo tempo que uma longa fila de trabalhadores das docas surgia vinda dos armazéns, a carregar as grandes ânforas que se destinavam ao porão do *Selene*.

Na noite anterior, depois de deixar as acomodações do capitão, Telémaco tinha sido levado para o convés por um dos tripulantes. Geras era um marinheiro musculoso e gabarola, e apesar de não ser muito mais velho do que Telémaco, tinha um rosto tisonado pelos anos que já havia passado no mar. Mostrara ao jovem um espaço no apinhado convés da popa, onde podia acomodar-se para passar a noite, antes de entrar ao serviço no dia seguinte. Ao acordar de um sono agitado, Telémaco tinha recebido uma túnica desbotada vinda dos armários do navio. Depois, Geras apresentara-o ao primeiro imediato. Leito era um marinheiro veterano, com cabelo grisalho e espesso, rugas bem evidentes aos cantos dos olhos azuis e uma cicatriz irregular que lhe corria pela largura do pescoço. Estava a meio do convés, a vigiar o trabalho da tripulação, que fazia rolar os grandes recipientes de barro pelo convés e os depositava no porão. Geras afastou-se rapidamente enquanto Leito lançava um olhar desdenhoso à figura desarranjada que estava especada à sua frente.

— Então foste tu quem afugentou os tais ladrões, não é? — indagou o imediato, numa voz rouca. — Rapaz, que idade tens?

— Dezasseis.

Leito franziu as feições marcadas pelos elementos numa careta, e fungou.

— Dezasseis, diz ele! Não parece. Já larguei poias com mais músculos do

que tu. Como é que um palito só de osso como tu conseguiste afugentar os bandidos que atacaram o capitão?

— Sou mais forte do que pareço — replicou Telémaco por entre dentes cerrados.

A afirmação provocou uma franca gargalhada do imediato.

— Isso não quer dizer grande coisa. Não te preocupes, miúdo. Um mês a puxar pelos cabos nesta banheira e depressa enches esses músculos. Que género de experiência de mar é que tens?

— Nenhuma.

Leito ficou irritado.

— Nunca saíste sequer num barco de pesca?

Telémaco abanou a cabeça e olhou para os pés nus.

— É a primeira vez que estou a bordo de um navio.

— Pelos deuses das profundezas! Sabes nadar?

— Não — replicou Telémaco, sem dar grande importância à questão.

Um olhar de evidente desgosto formou-se no rosto do imediato.

— Portanto, não sabes nadar e nunca estiveste no mar. E dizes que nasceste e cresceste no Pireu! Rapaz, há alguma coisa que saibas *fazer*?

O jovem encarou-o.

— Sei cuidar de mim mesmo numa luta.

— Isso não te vai servir de muito por aqui. — Leito riu-se. — A única coisa que vais ter para matar está lá em baixo, no porão. Temos imensos ratos. O porão está apinhado deles.

— Não tenho medo de ratos — respondeu Telémaco, tenso. — Cresci nas ruas. Era preciso muito mais do que isso para me assustar.

O imediato franziu as espessas sobrancelhas.

— Palavras corajosas. Mas espera até estares no mar. Nessa altura terás muito com que te assustares. Há piratas a quem temos de estar atentos, tempestades... e até monstros marinhos.

— Monstros marinhos?

— Exatamente. — Leito agitou um dedo. — Uma atitude arrogante pode ter-te dado muito jeito nas ruas, mas o mar é outro mundo. Se lhe der na veneta, pode ser um grandessíssimo cabrão, e será melhor que o respeites. Essa é a primeira lição que qualquer marinheiro deve ter bem presente. Ficou claro?

Telémaco anuiu, com ar incerto.

— Pois.

A expressão de Leito toldou-se.

— Miúdo, aqui é sempre “sim”. Já não és um daqueles tapados que vivem

em terra. Bom, sendo tu um grumete, toda a gente te vai chamar para ajudares onde for preciso. Vou ensinar-te o básico. O trabalho vai ser duro, mas se obedeceres às ordens e cumprires os teus deveres, depressa estarás capaz de rizar uma vela e virar de bordo com os melhores. Percebido?

— Pois... quero eu dizer, sim.

— Assim, sim. — Leito virou-se e pegou num balde de madeira calafetado com piche, meio cheio de água, e entregou-o a Telémaco. — Aqui tens. A tua primeira tarefa. Esfregar o convés. O capitão gosta de ter tudo num brinco antes de se pôr a caminho.

— Lavar o chão? — indagou Telémaco, tentando esconder o desapontamento que o invadia.

Leito olhou para ele com cara de poucos amigos.

— Temos um problema com isso, é?

— Não. — Telémaco engoliu em seco e olhou para o porto. — Onde é que vamos, exatamente?

— À Méisia. Na costa leste do Ponto Euxino. Já ouviste falar?

Telémaco abanou a cabeça.

Leito soltou uma gargalhada.

— Vais ter um choque. Os habitantes locais são uns selvagens. Fazem os sacanas dos germânicos parecer uns tipos cultos. Vamos atracar num sítio chamado Tomis, a norte da costa da Trácia. Comparado com esse cu do mundo, o Pireu é um paraíso.

— Mas se é assim tão mau, porque é que vamos lá?

— Vinho mendeano. — O primeiro imediato acenou na direção das ânforas que estavam a ser depositadas no porão do navio. — Está na moda por lá. Os tipos pagam uma verdadeira fortuna por aquilo. O capitão deve conseguir um belo lucro com a sua parte da mercadoria.

— Quanto tempo é que vamos levar a chegar lá?

— Depende. Em geral, há uma regra que diz que, se a viagem for rápida numa direção, vai ser mais demorada do que um cão perneto no regresso. Os ventos não nos são favoráveis nesta altura do ano, por isso vamos ter de trabalhar no duro para atravessar o Mar Euxino. Mas normalmente há uma brisa favorável no regresso. Portanto, diria mais ou menos um mês para a ida e volta. Isto partindo do princípio de que não encontramos piratas.

Telémaco olhou para ele e engoliu em seco.

— Isso é provável?

Leito encolheu os ombros.

— Bem, miúdo, a possibilidade existe. Sobretudo pelas bandas do Euxino.

Os mares do Leste estão pejados desses cabrões. — Apontou para o pescoço. — Como é que achas que arranjei esta cicatriz?

— Foram os piratas? Como?

— Estava noutro navio, o *Andrómeda*. Isto foi há uma série de anos. Voltávamos de Perinthus com uma carga de arroz e uns poucos passageiros. Dois navios piratas atacaram-nos quando descíamos a costa da Trácia. A princípio tentámos distanciá-los, mas o covarde do nosso capitão rendeu-se assim que eles dispararam umas setas contra nós. Havia quem quisesse lutar, mas o capitão não o permitiu. O imbecil pensou que os piratas nos tratariam bem se os deixássemos proceder à abordagem e lhes entregássemos a carga.

— O que é que aconteceu?

— Executaram o capitão e mataram quem tentou resistir. Depois de se terem apossado de tudo o que queriam, o capitão dos piratas juntou os passageiros e a tripulação e avisou-nos de que não podia permitir sobreviventes, para evitar que denunciássemos os piratas à marinha romana. Foi quando as execuções começaram. Os cabrões mataram os passageiros um a um. Os velhos, as mulheres, as crianças... massacraram todos.

Telémaco estremeceu.

— Como é que conseguiste sobreviver?

— Fomos avistados por uma galera de guerra imperial, que transportava dignitários pela costa. Assim que os piratas a viram, transferiram o saque para o navio deles e fugiram. — Leito ficou em silêncio por momentos. — Só quatro de nós sobrevivemos. A um dos outros vazaram-lhe os dois olhos. Desgraçado. Acredita, miúdo. Os piratas são escumalha, nem mais nem menos. Não queiras encontrá-los. Bom, agora deita-te ao trabalho no convés. Há muito a fazer antes de zarparmos.

Telémaco passou boa parte do dia de gatas, em cima das mãos e dos joelhos, a raspar as tábuas do convés com um bloco de arenito, para as deixar limpas. Depois de lavar o convés, Leito ordenou-lhe que vazasse as águas de esgoto que enchiam as fossas nos recessos escuros e infestados de ratos no porão. Era trabalho pesado, e à medida que o dia prosseguia, sentiu o desânimo a apossar-se dele quando pensou na perspectiva de meses a desempenhar tarefas tão penosas como aquelas. Mas depois lembrou-se da situação desesperada do irmão. Se não conseguisse obter dinheiro suficiente para lhe comprar a liberdade, Nereu estava condenado a passar o resto da vida a trabalhar na forja, às ordens do seu cruel dono romano. Atirou-se ao trabalho com renovado vigor, determinado a fazer tudo o que pudesse para salvar o irmão.

Ao fim da tarde, a chuva morreu e uma leve brisa soprou sobre o porto,

enquanto o Sol mergulhava na agitada massa cinzenta do mar. À medida que a luz desaparecia, a tripulação redobrava os seus esforços, ansiosa por despachar todas as tarefas e ir ao Pireu para uma última sessão de bebida antes de zarpar. Depois de terminar as suas tarefas de limpeza, Telémaco dirigiu-se à escotilha que levava ao porão da popa, para trazer alimentos para a zona onde os marinheiros iam tomar a refeição da noite, na proa. Não se lembrava de alguma vez ter trabalhado tanto na sua vida. Tinha os músculos doridos e presos, as mãos cobertas de bolhas dolorosas, e o estômago a dar horas e a doer com fome. Uma vaga de cansaço dominava-o, e ele não queria mais nada exceto umas boas horas de sono precioso.

No ar permanecia um cheiro rânido a piche e peixe quando ele desceu para o porão e se dirigiu ao espaço reservado às provisões. Centenas de ânforas estavam armazenadas por baixo do convés, dispostas na vertical e acondicionadas em areia bem coesa. Avistou Sileu e outro marinheiro, ajoelhados à frente de uma das pilhas, enquanto acabavam de colocar as últimas ânforas em posição. Sileu fez um nó numa corda desfiada, enquanto o outro homem mantinha os recipientes de barro no lugar. Ao fim de um momento, levantou-se a limpar o suor da testa enquanto admirava o seu trabalho.

— Pronto. Isto deve chegar, acho eu — afirmou.

O outro homem mordeu os lábios e olhou com ar duvidoso para a corda, gasta e pouco apertada.

— O capitão não disse que devíamos prender a carga com pelo menos três cordas? Assim, só para ter a certeza de que não andava para aí a passear?

Sileu afastou a crítica com um gesto da mão pelo ar.

— Esta merda está bem presa, na minha opinião. Para quê gastar mais tempo nisto quando podíamos estar a beber? Pode ser a nossa última oportunidade de apanhar uma boa bebedeira em muitos dias.

— E se o capitão descobre que não fizemos a coisa como ele queria?

— Isso não vai acontecer. O velho bode nunca se dá ao trabalho de vir inspecionar o porão. Acredita em mim, vai tudo correr bem.

— Não sei bem...

Sileu deu uma palmada nas costas do companheiro.

— Preocupas-te demasiado, Androcles. É esse o teu problema. — Riu-se. — Vamos lá. Estou cheio de sede. A primeira rodada é por minha conta.

Fez-se um breve silêncio, e um rato correu pelo convés, o que surpreendeu Telémaco, fazendo-o dar um pulo. Sileu e Androcles rodaram num instante, e o primeiro franziu os olhos ao avistar o novo grumete.

— Foda-se, o que é que tu estás aí a fazer? — silvou.

— Nada — explicou Telémaco, tentando evitar qualquer confronto.

— Isso mesmo. — Sileu cuspiu no chão e aproximou-se do jovem. O hálito do homem tresandava a cebola, e os olhos brilhavam-lhe com malícia. — Não há nada para ver aqui. Percebido, rapaz?

Telémaco olhou para o pesado marinheiro, mas não disse nada. As cicatrizes nos nós dos dedos do homem eram um indicador da quantidade de rixas em que tinha estado envolvido, e não havia nenhuma razão razoável para o antagonizar. No espaço confinado do porão, sem poder contar com o elemento da surpresa, sabia que tinha poucas hipóteses contra os dois marinheiros. Acenou brevemente com a cabeça e Sileu sorriu enquanto recuava um passo.

— Ótimo — concluiu. — Agora, desaparece da minha vista.

Telémaco apressou-se a embrenhar-se ainda mais no porão, enquanto Sileu e Androcles passavam por ele e subiam as escadas que levavam à escotilha, a rir e a trocar dichotes. Fez uma pausa para os ver desaparecer, com um peso no coração. Sileu tinha claramente ficado a detestá-lo à primeira. Era óbvio que o homem tinha um traço de crueldade, e que era do tipo que gostava de intimidar os que considerava seus inferiores. Telémaco teria de tomar cuidado dali para a frente. Suspirou pesadamente. Estava a bordo do *Selene* havia menos de um dia e já estava a colecionar inimigos.

Na segunda manhã, os céus clarearam, e uma brisa fresca soprava de terra e espalhava-se sobre o mar. Assim que o resto das provisões foi carregado, a tripulação reuniu-se para ver o capitão a fazer uma oferenda à frente do pequeno altar de pedra no castelo da proa, dedicando uma prece a Poseidon para que concedesse ao *Selene* uma viagem sem problemas. Depois, Clemestes deu sinal para libertar o navio das amarras, e a tripulação pôs-se em ação. Um par de marinheiros recolheu a prancha de desembarque, e outros dois desamarraram os cabos que prendiam o navio aos postes dispostos no cais. Leito soltou uma ordem a Telémaco, e ele correu para ajudar outros tripulantes que se debatiam com uma longa vara de madeira. Era surpreendentemente pesada, e Telémaco grunhiu, a esforçar-se sob o peso, enquanto os tripulantes a usavam para afastar a proa do cais e apontar para as águas livres do porto. Assim que ficaram a uma distância segura do cais, Clemestes ordenou que os homens lançassem os remos à água. Perante a ordem, uma dúzia dos marinheiros mais fortes pegaram nos grandes remos armazenados no convés e começaram a conduzir o *Selene* para a estreita abertura entre os molhes. Assim que os passaram, o capitão virou-se para a tripulação.

— Recolher remos! Içar a vela grande! — gritou, levando as mãos em

concha à boca, para se fazer ouvir acima do vento. — Prendam-na no primeiro rize!

De imediato os marinheiros depuseram os remos, e vários deles treparam pelo cordame e espalharam-se pela verga. Leito deu uma ordem e os marujos soltaram a vela quadrada, e a lona dançou ao vento enquanto se abria. No convés, o resto da tripulação apanhou os cabos e prendeu-os aos cunhos junto à amurada. Por fim, os homens no cordame começaram a atar a primeira linha de rizes antes de descer. Foi um feito impressionante, e Telémaco observou com admiração os marinheiros a descerem pelas cordas enquanto o *Selene* avançava com um novo impulso dado pela vela retesada, a proa a cortar as ondas.

— Dimeto! — gritou Clemestes ao timoneiro, um pesado núbio que estava junto ao mastro. — Vamos por bombordo. Rumo, quatro dedos!

O núbio firmou as grossas pernas no teto da cabina e lançou o peso sobre o timão com os musculosos braços, ajustando a rota do navio até ficar quase alinhado com o vento, tanto quanto o capitão se atrevia. Telémaco agarrou-se com força à amurada na popa, a cabeça a rodar, e o mar a silvar à sua volta, enquanto o *Selene* caturrava na ondulação. Um suor frio começou a correr-lhe pelo rosto, e uma vaga de náusea apossou-se dele. Tentou focar-se no horizonte para ter um ponto de referência em que se pudesse firmar, mas, ao fim de poucos momentos, avançou e lançou a cabeça sobre o costado, dobrado, e esvaziou o estômago para cima da espuma esbranquiçada. Cuspiu os restos amargos do vômito, depois limpou a boca e voltou-se outra vez para o convés, ainda agarrado à amurada, como que para salvar a vida.

— Já estás enjoado? — disse Leito, com um largo sorriso.

— Que se fodam todos os deuses — soltou Telémaco num lamento. — A minha cabeça...

O primeiro imediato soltou uma boa gargalhada.

— Se achas que isto é mau, espera até chegarmos ao Euxino. A coisa pode ficar muito animada, por essas bandas. Nessa altura é que vais descobrir o que é um verdadeiro enjoo.

Telémaco agarrou-se ao ventre, já a temer a perspectiva de passar vários dias no mar.

— Fica pior do que isto?

— Um bom bocado, sim. — Leito deu-lhe uma palmada animada nas costas. — Não fiques com esse ar. Depressa te vais habituar a isto. Além disso, no sítio para onde vamos, o mar agitado vai ser a menor das tuas preocupações. Não há falta de piratas a operar nos mares à volta da Mésia.

— Mas a marinha não nos protege?

— Nem pensar, por Hades. O Euxino é o absoluto cu do mundo imperial. Os romanos estão-se completamente nas tintas para a vigilância da área, por isso deixam o problema nas mãos dos locais. Mas eles não têm nem o dinheiro nem os navios para patrulhar as águas de forma eficiente, por isso os piratas fazem o que querem. Se encontrarmos alguns desses cabrões pelo caminho, que os deuses nos protejam.

Telémaco ia responder, mas o *Selene* deu um salto que levou a novo acesso de náuseas, e ele debruçou-se outra vez na amurada, a vomitar violentamente. Quando a onda de enjoo passou, levantou o olhar e fitou o porto, enquanto o vento fresco e salgado lhe agitava o cabelo e lhe mordida a pele. Esqueceu temporariamente o mal-estar nas entranhas e a dor de cabeça, à medida que uma mistura estranha de receio e entusiasmo lhe dançava no peito. Deixava pela primeira vez para trás aquilo que era o seu lar, num navio cheio de estranhos, com destino a um dos mais afastados cantos do Império. Era uma oportunidade de seguir os passos do pai e enveredar por uma vida de aventuras no mar. Uma oportunidade que estava decidido a agarrar. Deitou uma olhadela final ao porto. Depois virou-se e olhou para a frente, enquanto o *Selene* se dirigia para a vastidão do mar alto que se abria à sua frente.

Os primeiros dias a bordo do *Selene* passaram de forma tristonha para Telémaco. Para lá da infundável lista de tarefas que Leito lhe destinara, o novo grumete tinha de se haver com os constantes acessos de enjojo e com o gozo de alguns dos membros mais velhos da tripulação, de cada vez que vomitava. Todos os dias trabalhava no convés e na coberta, a vazar as sujas acumulações de água, a lavar o convés e a preparar as refeições. Leito tinha um olho de lince, e insistia em realizar pessoalmente inspeções ao seu trabalho depois de ele dar por terminada cada tarefa. O imediato nunca deixava de encontrar qualquer falha no trabalho, e insistia nas críticas mordazes, que ajudavam à miséria que o jovem sentia. Depressa o entusiasmo nervoso dos primeiros dias no mar deu lugar a uma profunda melancolia e solidão, e Telémaco amaldiçoava-se amargamente por ter aceitado a oferta do capitão para se juntar à sua tripulação.

Todos os dias, depois de completar as suas tarefas, ia apresentar-se a Leito, e o imediato instruía-o nas noções básicas da marinharia. As lições eram uma bem-vinda distração da rotina interminável, e ele aprendeu a fazer uma variedade de nós e como desfraldar e recolher as velas. Praticou a subida ao cordame e o uso da sonda de chumbo para medir a profundidade do mar em águas pouco profundas, e pelas tardes Leito mostrava-lhe como manobrar o navio usando o timão e explicava-lhe o funcionamento das velas e do resto do aparelho. A princípio, Telémaco debateu-se com a aprendizagem, achando difícil concentrar-se enquanto tinha o estômago às voltas. Mas ao fim de alguns dias, os enjoos começaram a passar, a sua confiança cresceu e ele demonstrou um entusiasmo e uma fome de aprender com os erros que impressionou até o resmungão do imediato.

Ao fim de cada dia, a tripulação do *Selene* procurava um lugar seguro para fundear, numa enseada ou baía próxima. Depois de largar âncora, os homens iam a terra no pequeno bote que estava arrumado a meio do convés. Acendia-se uma fogueira na praia e os marinheiros apreciavam uma refeição quente antes

de regressarem a bordo para passarem a noite. À medida que os últimos raios de sol luziam no horizonte, Telémaco arrastava o corpo cansado até encontrar um espaço livre na popa e deitava-se sob o céu repleto de estrelas, enquanto o resto da tripulação ressonava em seu redor. Nunca se tinha sentido tão fatigado em toda a sua vida. Ou tão sozinho. Só Geras fazia um esforço para falar com ele durante esses primeiros solitários dias no mar. Ao fim de um duro turno, o marinheiro olhou para Telémaco enquanto este se deixava cair na improvisada cama de cabos enrolados, com os músculos doridos de exaustão.

— Dia complicado? — indagou.

Telémaco olhou para ele e grunhiu a sua concordância.

— Não há vergonha em admiti-lo — prosseguiu Geras. — Alguns homens não foram feitos para a vida do mar, por muito que tentem. Esta vida não é para todos, sabes?

— Não vou desistir — ripostou Telémaco, em tom agreste. — Antes morrer do que falhar.

Geras franziu a sobrancelha, surpreso perante a força da emoção na voz do jovem.

— O que é que te fez resolver vir para bordo, afinal? Sem ofensa, mas não tens ar de quem foi feito para navegar.

— O meu irmão, Nereu. Está escravizado. Jurei que conseguiria dinheiro suficiente para comprar a liberdade dele.

— E por isso resolveste tentar a tua sorte num navio?

Telémaco encolheu os ombros

— Pareceu-me o melhor.

Geras soprou o ar das bochechas.

— Tinhas-te safado melhor se tivesses entrado para uma escola de gladiadores. Ou um bando de assaltantes. Mesmo que acabes por te tornar um marinheiro decente, vais precisar de anos até conseguires juntar dinheiro que chegue para esse fim.

— Tenho de tentar alguma coisa. Tenho de conseguir libertar o meu irmão.

— Seja. — Geras bocejou. — Cá por mim, o dinheiro que faço vai para mulheres e vinho. E em Méssia não falta nem uma coisa nem outra. Os habitantes podem ser uns sacanas, mas as mulheres sabem umas coisas. Talvez queiras fazer um favor a ti próprio e fazer-lhes uma visita. Elas animam-te de certeza.

Telémaco deixou escapar um meio sorriso.

— Obrigado. Mas tenho de poupar cada sestércio que consiga ganhar. Mesmo que me leve anos, tenho de começar de alguma maneira.

— Faz como quiseres, miúdo. Mas hás de mudar de música assim que perceberes como o mar pode ser caprichoso.

— O que quer isso dizer?

— Não vale a pena fazer grandes planos, é só isso. O mar pode apanhar qualquer um de nós a qualquer momento. Ser marinheiro é melhor do que ser um daqueles tristes que se arrastam pelo pó das ruas e estradas, mas este trabalho é mais arriscado do que outro qualquer, e todos os rapazes da tripulação conhecem alguém que se perdeu no mar. Se queres saber, farias melhor em esquecer esse teu irmão e aproveitar o que puderes, enquanto por cá andas.

Telémaco abanou a cabeça.

— Não posso. O Nereu é toda a família que me resta, e devo-lhe a minha vida.

Ao oitavo dia, o *Selene* passou pelos acanhados estreitos entre a Trácia e a Bitínia, e entrou no Ponto Euxino, onde uma faixa de nuvens escuras se acumulava no horizonte oriental. Enquanto cumpria as suas tarefas, Telémaco apercebeu-se de uma tensão no ar por entre a tripulação. Até Clemestes tinha um ar ansioso. O capitão estava no castelo da proa, constantemente a verificar o horizonte, enquanto seguiam a costa para noroeste, a caminho de Odessus e atentos a quaisquer sinais dos piratas que se sabia atacarem os navios mercantes naquela zona. Leito estava a seu lado, também a vasculhar com a vista o horizonte oriental.

— Estamos em perigo? — indagou Telémaco.

Leito encolheu os ombros.

— Tanto como outro qualquer navio. As águas nesta área são traiçoeiras. Os piratas andarão junto à costa, como nós.

Telémaco tentou não parecer assustado.

— Nesse caso, não devíamos afastar-nos da costa?

— Nestas águas revoltas, não. É demasiado perigoso, temos de nos manter junto à costa, para o caso de termos problemas com o tempo. Não está lá muito promissor, nesta altura.

— Portanto, se nos afastarmos da costa, podemos ser apanhados por uma tempestade; mas se nos mantivermos perto dela, há grandes hipóteses de darmos de caras com alguns piratas?

Leito sorriu sem humor.

— Estás a aprender, miúdo. No mar não há um momento de aborrecimento.

— É uma maneira de pôr a coisa.

Telémaco voltou a olhar para o horizonte marinho, sentindo-se ainda mais enervado do que antes. Dormir ao relento nos bairros pobres do Pireu fora

uma existência miserável, mas as únicas ameaças tinham sido algum pedinte a discutir acerca de restos de comida, e os insultos que recebia da parte de alguns dos habitantes mais rancorosos. Mas ali enfrentava o perigo a cada instante.

Ao fim da tarde, o vento começou a ganhar força, com rajadas que vinham de direções aleatórias, e a disposição da tripulação piorou quando foi avistado um banco de nuvens escuras a aproximar-se do navio. Pelo canto do olho, Telémaco reparou em Leito, que perscrutava as águas com evidente ansiedade, de maxilares cerrados.

— O que se passa? — indagou.

O imediato franziu os olhos perante as nuvens que se aproximavam.

— Parece-me uma tempestade. Das grandes. E está a andar depressa. Daqui a nada está em cima de nós.

Telémaco seguiu o olhar do marinheiro. O horizonte tinha desaparecido por trás de uma cortina cinzenta de chuva que tinha milhas de largura, que fizera sumir o Sol e trazia um vento uivante e chuva sobre eles. Junto à popa, Clemestes mantinha-se atento, o rosto tenso com a concentração, enquanto fixava o olhar na tempestade que se movia rapidamente, e acabou por dar ordens para rumar para longe de terra.

Telémaco voltou-se outra vez para Leito e apontou para a costa, a cerca de uma milha de distância.

— Porque é que não vamos para a costa?

Leito abanou a cabeça.

— Precisamos de espaço, se queremos evitar que o vento nos mande contra os penedos. — Cuspiu no convés e contemplou a névoa escura que se precipitava sobre eles. — Ao que parece, vamos ter de aguentar com a tempestade.

Menos de uma hora depois, a tempestade abateu-se sobre eles com uma terrível ferocidade. O vento soprava com toda a força sobre o navio, acompanhado por uma torrente de chuva gelada. As gotas pesadas varriam o convés, ensopando a tripulação e encharcando-lhes as túnicas. Telémaco agarrava-se à amurada com desespero, a chuva a morder-lhe a pele, enquanto o navio oscilava e dançava nas vagas. À sua volta, os marinheiros aguentavam a tarefa com rostos fechados, tentando proteger-se do dilúvio que caía sobre eles sempre que uma onda rebentava nas proximidades. Ao olhar para cima, reparou que o vento empurrava rapidamente o navio para a costa. As rochas apareciam perigosamente próximas, e apesar de ter passado apenas pouco mais de uma semana no mar, compreendeu imediatamente a ameaça.

— Toda a gente! — gritou Clemestes, a voz quase inaudível devido ao rugir do vento no cordame. — Recolham o pano! Baixem a âncora!

Leito berrou as ordens aos marinheiros. Vários de entre eles treparam pelo cordame e percorreram a verga, colocando-se nas suas posições com dificuldade debaixo da chuva e do vento. Ao mesmo tempo, um punhado de homens correu à proa para recolher a vela do gurupés. Telémaco assumiu o seu lugar com os outros tripulantes que se preparavam para largar a âncora. Nesse momento, o *Selene* balançou e adornou, e um grito arrepiante cruzou o ar. Telémaco agarrou-se freneticamente à amurada e olhou para cima. Androcles tinha-se desequilibrado e estava agora pendurado da verga, os braços a rodearem a madeira e as pernas a dançarem no vazio. O marinheiro mais próximo começou a aproximar-se dele devagarinho, mas depois o navio megulhou de súbito para a frente, e Androcles não conseguiu segurar-se e caiu a gritar para o abismo aquático. Os gritos do marujo aflito foram abruptamente cortados quando o mar o engoliu e o levou para baixo das ondas acinzentadas. Vários membros da tripulação olharam para o ponto em que ele tinha mergulhado, à procura de sinais do camarada, mas nada denunciava a sua presença.

— Telémaco! — gritou Leito. Apontou para o cordame. — Trepa lá acima e dá-lhes uma ajuda! Já!

O medo dominou-o por momentos, enquanto ele olhava para a verga lá em cima. A ideia de trepar pelo cordame naquelas condições traiçoeiras aterrorizava-o. Mas percebeu a urgência da situação e afastou o medo, lançando-se às cordas e começando a subir, decidido a não desapontar os seus camaradas de tripulação. O vento gemia em seu redor, puxando-lhe pela túnica, enquanto ele se firmava e deslizava pela verga, e se forçava a não olhar para baixo. Os outros marinheiros espalharam-se pela verga, e o lugar de Androcles foi ocupado pelo que estava mais distante do mastro. Assim que todos ficaram em posição, Clemestes deu a ordem e a tripulação começou a recolher a vela, a trabalhar a toda a velocidade para apanhar o pano que dançava loucamente ao vento, e amarrá-lo à verga. A chuva continuava a martelá-los sem piedade, e Telémaco apertou as tiras de cabedal como Leito lhe tinha mostrado. Pouco depois, os homens na popa deixaram a âncora da ré deslizar para as águas, soltando o cabo até que as lâminas da fateixa se prenderam no fundo marinho, e o movimento do navio começou a estabilizar. Telémaco desceu do cordame com os outros marinheiros, e ficou a arfar quando chegou ao convés inundado pela chuva.

Leito acenou-lhe, relutante.

— Bom trabalho, miúdo. Ainda vamos fazer de ti um marinheiro.

— E agora? — gritou Telémaco.

— Esperamos que a tempestade se dissipe.

— Quanto tempo é que isso vai levar?

— Um bom bocado — disse Leito. — Umas horas, diria eu. Ainda nem passámos o pior.

Telémaco fez uma careta perante tal perspectiva, mas não havia tempo para descansar. Com a galera imobilizada pela âncora e a baloiçar sem cessar, Clemestes ordenou que a tripulação começasse a vazar a água. O navio puxava pelo cabo da âncora, provocando estremeções periódicos e fazendo os homens perder o equilíbrio enquanto corriam pelo convés. Fizeram turnos para baldear a água que rapidamente se tinha acumulado no fundo do porão, enquanto o resto dos homens tratava de garantir a segurança do navio, lançando um encerado sobre a vigia do porão. Assim que concluíram essas tarefas, foram abrigar-se junto à amurada na proa, a tremer nas túnicas encharcadas, e alguns dos homens murmuravam preces aos deuses. Outros olhavam para a costa com evidente saudade, a desejar estar no conforto de um porto ou enseada abrigada.

À medida que a escuridão crescia à sua volta, a tempestade não dava sinais de amainar. Toda a noite, o vento e a chuva se abateram sobre o *Selene* e a sua tripulação. O sono não era uma possibilidade, já que os marinheiros tiveram de passar a noite a trabalhar por turnos para tirar a água do porão. As horas passaram lentamente para Telémaco, e o seu terror foi crescendo com cada solavanco do navio, e com os gemidos das madeiras e do cordame sob o poder da tempestade. A noite parecia não querer acabar, e cada momento que passava trazia um novo tormento para o grumete, que temia que o navio soçobrasse, ou que o cabo da âncora cedesse à tensão, levando o *Selene* e a sua tripulação a serem feitos em pedaços na costa rochosa da Trácia. Mas o cabo aguentou com firmeza.

Pela manhã, a tempestade cedeu finalmente e o vento foi-se reduzindo a uma suave brisa à medida que o Sol se elevava penosamente do horizonte. Depressa a chuva parou e o sol penetrou por uma brecha nas nuvens, colorindo as montanhas distantes numa luz dourada. A fúria incessante da noite anterior foi substituída pelo marulhar repetitivo das ondas agora suaves contra o casco do navio, e o pingar da água acumulada no cordame. Os marinheiros, gelados, cansados e esfomeados arrastaram-se para se porem de pé, já que Clemestes tinha ordenado uma inspeção de alto a baixo ao navio. Quaisquer danos foram anotados pelo imediato numa tábua encerada, de forma a que as reparações pudessem ser realizadas assim que chegassem ao porto em Tomis.

— Telémaco! — chamou Clemestes. — Traz comida para os rapazes. Não podemos navegar com uma tripulação de barriga vazia. Sobretudo depois da noite que passámos.

— Sim, capitão!

Depois de anuir rapidamente, Telémaco apressou-se a correr até à escotilha da popa e desfez os nós que prendiam as cordas com que fora fechada. Enquanto descia as escadas, reparou num brilho estranho no porão de carga. Depois os olhos ajustaram-se à penumbra, e ele deteve-se.

Espalhados pelo porão, havia centenas de fragmentos de barro, por entre uma papa de vinho e areia que oscilava ao sabor do mar. Pelo meio dos cacos havia fios de corda, e quando Telémaco olhou em volta, apercebeu-se com desânimo de que a maior parte das ânforas se tinha soltado e desfeito, espalhando o seu precioso conteúdo pelo porão. Não havia mais do que um punhado delas ainda intactas.

— Despacha-te, miúdo! — instou Leito, enquanto descia para o porão atrás dele. — O que é que te está a dem...

Calou-se de repente, ao avistar os sinais do desastre.

— Merda — resmungou, com um olhar de pânico no rosto. — Espera aqui.

Virou-se e subiu rapidamente as escadas, a chamar pelo capitão. Pouco depois regressou com Clemestes. Vários elementos da tripulação seguiram-nos rapidamente, curiosos para saber qual era a razão da confusão. Clemestes estava espedado, sem palavras, enquanto contemplava os danos sofridos pela sua preciosa carga. O rosto do capitão desfez-se por fim numa expressão de frustração amarga, e de desespero.

— Por todos os deuses, o que é que se passou aqui? — rosnou, por fim.

— Devem-se ter soltado durante a tempestade, capitão — respondeu Geras.

— Mas... como? — interveio Leito. Abanou a cabeça. — Essas ânforas deviam estar bem acondicionadas, e mais apertadas do que o rabiosque de uma virgem vestal. Não se deviam ter soltado. Nem mesmo com uma tempestade.

Sileu, no meio do grupo de marinheiros, remexeu-se, incomodado.

— Foram as cordas. Essa merda devia estar muito gasta.

Telémaco ia falar, mas viu Sileu a mostrar-lhe uma cara ameaçadora e mudou de ideias, mantendo a boca fechada.

— Pouco importa. A carga está perdida. — Clemestes contemplava com impotência as ânforas desfeitas. — Isto vai arruinar-me. Tive de pedir um empréstimo ao mercador só para pagar a minha metade da carga. E agora foi-se tudo.

O navio chegou a Tomis cinco dias depois, e deslizou para o pequeno cais. Após lançar os restos das ânforas partidas pela borda fora, a tripulação tinha

recebido a incumbência de resgatar tudo o que pudesse ser aproveitado e de o prender com todo o cuidado. Havia um mau ambiente entre os marinheiros enquanto recolhiam os remos e lançavam os cabos de amarração aos homens que aguardavam no cais. Normalmente estariam a celebrar entusiasticamente a chegada a um novo porto, ansiosos por gastar o que tinham ganhado com tanto esforço na busca pela diversão de qualidade duvidosa que a cidade tinha para oferecer. Mas a morte de Androcles, reforçada pela perda da maior parte da carga, tinha-lhes quebrado o espírito. Telémaco ponderara brevemente a possibilidade de informar o capitão sobre o mau trabalho que Sileu tinha feito a prender o vinho, mas pouco depois do incidente o outro marinheiro puxara-o para um lado e ameaçara cortar-lhe as goelas se ele dissesse uma palavra sobre o que tinha visto no porão, ainda no Pireu. Portanto, o grumete tinha resolvido nada dizer.

À medida que o *Selene* se aproximava do molhe, os homens em terra puxavam pelos cabos e prendiam-nos aos postes de amarração do cais, fazendo o navio acostar. Depois, Leito deu ordens para baixar a prancha de acesso, e um par de marinheiros fez deslizar a peça de madeira por estibordo, até chegar a terra. Assim que o navio ficou atracado, Clemestes deu autorização para que a maior parte da tripulação fosse a terra afogar as mágoas nas tabernas mais próximas. Telémaco bem queria juntar-se aos seus camaradas, mas Clemestes obrigou-o a ficar para ajudar os estivadores que iam descarregar as poucas ânforas sobreviventes.

À medida que a escuridão descia sobre Tomis, uma figura que chamava a atenção, com vários anéis de ouro nos dedos, marchou imperiosamente pela prancha e dirigiu-se a Clemestes, que se encontrava na popa do navio.

— Capitão! — começou o homem, a arquejar com o esforço de subir a bordo. Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Onde está o resto do meu vinho? — prosseguiu, enquanto apontava para as poucas ânforas descarregadas. — Ali não está nem um quarto da carga.

Clemestes virou-se para saudar o visitante

— Herakleido. — Tossicou, e adotou uma expressão mortificada. — Receio bem que tenhamos encontrado algumas dificuldades pelo caminho.

— Hã? Quais dificuldades? — ripostou Herakleido, irritado.

Clemestes baixou a cabeça e respirou fundo antes de explicar a situação ao mercador, descrevendo os eventos da tempestade e da consequente perda de boa parte da carga. Herakleido escutou-o num silêncio tumular, o rosto sem denunciar qualquer expressão.

— Bem, capitão — disse, depois de Clemestes ter terminado. — Trata-se

certamente de uma, ah, infeliz cadeia de acontecimentos. — Fingiu um sorriso. — Se é que é verdade.

Clemestes franziu o sobrolho.

— O que é que isso quer dizer, precisamente?

— Tens de admitir que se trata de uma história muito conveniente. Como é que eu posso ter a certeza de que não te limitaste a aportar noutra sítio qualquer, a desembarcar a maior parte da carga e a meter os lucros ao bolso?

O capitão parecia atordoado.

— Estás a acusar-me de mentir?

— Não serias o primeiro capitão a tentar enganar-me. Não esperas com certeza que eu engula esta história da carochinha sobre ânforas partidas, pois não?

— É a verdade, juro-o por todos os deuses! Pergunta a qualquer um dos meus homens, eles dir-te-ão a mesma coisa.

— Não duvido — ripostou o mercador, sem elevar a voz. — Ainda assim, mesmo que o que me contas seja verdade, não esperas com certeza que eu pague por uma carga que tu não me conseguiste entregar. O nosso acordo dizia respeito a duzentas ânforas de vinho medeano de primeira. Decerto compreendes o meu problema.

O capitão mordeu os lábios, mas não disse nada.

— Além disso, há também a questão de saber como tencionas pagar a tua parte — acrescentou Herakleido.

— Pagar? — repetiu Clemestes, franzindo o rosto. — O que é que queres dizer?

O mercador acenou na direção das ânforas.

— Praticamente toda a carga foi perdida... se escolhermos acreditar na tua história. Isso inclui a tua metade. Que pagaste com dinheiro que eu te emprestei. Com uma extremamente generosa taxa de juro, devo dizer. Um empréstimo que terás de pagar, seja o que for que tenha acontecido realmente ao vinho.

A expressão carrancuda do capitão acentuou-se.

— Onde é que queres que eu vá desencantar esse dinheiro?

— Isso não é problema meu — ripostou o mercador. — Mas se não puderes regularizar a tua dívida para comigo, não me deixas outra escolha. Ver-me-ei forçado a levar o meu caso ao magistrado e a pedir-lhe que apreze o teu navio. — Um sorriso cínico formou-se nos cantos da boca do homem. — O Pulo é um bom amigo meu. Tenho a certeza de que compreenderá a minha posição.

— Não podes fazer isso! — ripostou Clemestes, abanando a cabeça em

fúria. — Não podes ficar com o meu navio! É tudo o que eu tenho. Por favor, tem de haver outra maneira.

Olhou com ar de súplica para o mercador. Na expressão de Herakleido não havia sinal de um pingo de piedade. Depois o homem sorriu de novo, os olhos a franzirem-se, enquanto ele cofiava o queixo.

— Talvez haja uma forma de conseguires pagar-me essa dívida.

— Como? — quis saber Clemestes, o desespero claro na sua voz.

— Noutro dia, num jantar de amigos, ouvi umas histórias. Alguns dos outros mercadores estavam a discutir as últimas notícias do Ilírico. Diz-me, capitão. Tens feito muitos negócios para aquelas bandas?

— Já fui a Salonae algumas vezes. Não fica muito a norte na costa da Ilíria. Mas há já uns anos que não faço essa rota. Os ilírios são uns bons sovinas. É difícil negociar com eles, e nunca pagam a tempo. Porquê?

— Ao que parece, houve uma revolta na região. Um dos chefes da tribo dos desitiatas, que foi derrotado por Roma, regressou do exílio e começou a agitar as coisas entre os locais. Um tipo chamado Bato.

— Ouvi dizer que sim. Alguns dos capitães do Pireu andavam a falar disso. Mas os romanos não abafaram a revolta?

Herakleido anuiu.

— O Tibério enviou uma coluna da Quinta Macedónica para repor a ordem. Esmagaram os rebeldes, executaram os líderes e venderam os outros para a escravatura. Mas a rebelião colocou uma grande pressão sobre o abastecimento local de cereais. A comida é escassa, e a população está a passar fome. — Tinha um brilho nos olhos quando acrescentou: — Uma carga de cereais conseguiria nesta altura um preço extremamente elevado. O suficiente para pagar a tua dívida, e garantir um bom lucro a ambos.

Clemestes olhou com desconfiança para o mercador.

— Se é uma oportunidade assim tão lucrativa, porque é que não há outros mercadores a enviar bens para Salonae?

— Mas há. Ou, melhor, há quem tente. Porém, a maior parte das cargas não tem conseguido chegar ao destino. Ao que parece, alguns piratas souberam do aumento de atividade naval na zona e resolveram criar bases de operações no Adriático.

Clemestes assentiu, pensativo.

— Faz sentido. Estão sempre à procura de novas rotas onde possam atacar.

— Precisamente. Agora que se espalhou a notícia da ameaça dos piratas, muitos armadores recusam-se pura e simplesmente a enviar navios para Salonae. Ou então cobram preços inaceitáveis. Tenho andado à procura de

alguém que transporte os meus abastecimentos, mas não tenho tido sorte nenhuma. — Herakleido fez uma pausa, antes de prosseguir. — Como é evidente, todo este pânico ainda fez subir mais o preço do cereal. Quem quer que consiga alcançar Salona, vai fazer uma fortuna.

— Estou a ver — replicou Clemestes, atento. — Os meus homens ficam com o risco, e tu ficas com o dinheiro.

— Se for assim que o quiseres ver, sim. Mas estou a oferecer-te uma oportunidade de ultrapassares as tuas perdas, capitão. E talvez mesmo fazer um modesto lucro, depois de descontar a dívida que tens para comigo. — O mercador encolheu os ombros. — Outros na minha linha de trabalho podiam não ser tão razoáveis.

Clemestes ponderou a oferta.

— E se eu recusar?

— Nesse caso, não terei outra escolha a não ser falar com o magistrado e exigir que o teu navio seja confiscado como forma de pagamento.

Os ombros de Clemestes descaíram com desalento.

— Nesse caso, parece-me que *eu* não tenho outra escolha. Aceito.

— Capitão, não! — gritou Telémaco, enquanto se punha de pé.

Clemestes e o mercador viraram-se em simultâneo para o grumete, que tinha estado a escutar a conversa com um crescente desconforto. Mal conseguia acreditar que Clemestes ia aceitar uma oferta tão perigosa. Naquele instante, não conseguiu conter a sua ansiedade.

— É demasiado perigoso — prosseguiu, enquanto os dois homens o fitavam em silêncio. — O que acontece se formos apanhados pelos piratas? Este mercador bem pode tentar a sua sorte com o próximo navio em que possa pôr as suas gordas mãos. Capitão, é um péssimo negócio.

— Calado! — Clemestes fitou-o de forma fria. — Tu és apenas um grumete. Não te pago para me dares a tua opinião.

— Mas, capitão...

— Basta! — irritou-se Clemestes. — Se eu quiser o teu conselho, peço-o, porra. Agora volta ao trabalho e guarda as tuas ideias para ti, foda-se.

O tom duro do capitão apanhou Telémaco de surpresa. Anuiu e afastou-se, dirigindo-se para vante. Pelo canto do olho notou Clemestes a endireitar as costas e assentir de forma decidida ao mercador.

— Muito bem, Herakleido, temos negócio. Diz aos teus homens para carregarem o cereal assim que possível. Zarpo para Salona pela alvorada.